

A variedade étnica Português Xerente Akwẽ:
subsídios para a educação escolar indígena
*Portuguese Xerente Akwẽ Ethnic Variety: contributions to
indigenous school education*

Silvia L. B. Braggio
Universidade Federal de Goiás, Brasil
silvialbb@terra.com.br

Abstract: Indigenous ethnic languages variety studies are highly needed in Brazil given the benefits that they can provide not only to linguistics but also to indigenous school education. Because there are many steps to be followed, in order to make possible a contact with indigenous variety, first it is necessary to build a knowledge of the indigenous language to accomplish such task. My assumption is that the indigenous language acquired as the first language (L1) will influence the learning of a second language (L2). Accordingly, I present a brief study of the Xerente Akwẽ language and the influences it brings to Portuguese in order to present the Xerente Akwẽ Portuguese Variety. The Xerente Akwẽ language belongs to the Macro Jê stock and to the Jê family. Its 3,500 speakers live in two areas within the state of Tocantins, Brazil. Data were collected for 20 years by many researches and use quantitative and qualitative methods. My main objective is to contribute to indigenous sociolinguistics and to indigenous school education.

Keywords: Sociolinguistics; Indigenous Ethnic Variety; Xerente Akwẽ.

Resumo: Os estudos das variedades étnicas do Português das línguas indígenas brasileiras são altamente necessários no atual cenário linguístico e educacional do Brasil. A tarefa é bastante complexa, na medida em que há vários passos para se chegar à descrição de uma determinada variedade indígena. Nesse artigo

apresento uma versão da Variedade Étnica Português Xerente Akwê, do povo Xerente Akwê, língua do tronco Macro Jê, família Jê, habitantes em duas áreas indígenas no estado do Tocantins. Parto do pressuposto de que a língua indígena originária (L1) tem influência no Português quando ele ocorre como segunda língua (L2). Portanto, inicio esse artigo com uma breve introdução da língua Xerente Akwê apontando os aspectos que influenciam a L2 no processo de aquisição. Os dados têm sido coletados durante os 20 anos de meu contato com esse povo e se incluem tanto na pesquisa quantitativa quanto qualitativa. Meu objetivo é contribuir para a área da sociolinguística indígena e, mais especificamente, para a educação escolar indígena.

Palavras-chave: Sociolinguística; Variedade Étnica Indígena; Xerente Akwê.

1 Introdução

As pesquisas sociolinguísticas que tratam das variedades étnicas do Português das línguas indígenas brasileiras apresentam um campo aberto e pouco explorado em nosso país. Nesse cenário existem premissas que devem ser necessariamente satisfeitas a fim de que as pesquisas nessa área possam frutificar e ampliar o que já se conhece sobre variedades linguísticas no Brasil. Em primeiro lugar, é impossível considerar-se um português étnico indígena geral, ou seja, para todas as línguas indígenas. Cada etnia apresenta uma variedade única e singular, com indícios em todos os níveis linguísticos, em vista das influências que a língua indígena, quando é a primeira a ser adquirida (a partir de agora L1) operará no Português, quando adquirido como segunda língua (a partir de agora L2). Logo, em segundo lugar, é absolutamente necessário que a língua indígena que constituirá uma determinada variedade seja conhecida e estudada, pois é ela que vai determinar sobre qual variedade étnica estamos falando. Em terceiro lugar é preciso considerar a região onde o Português de uma determinada língua é falado, pois a variedade étnica do português também será marcada por características regionais. Assim sendo, analisar e descrever a variedade do Português étnico de uma língua indígena não é uma tarefa fácil, já que exige etapas que devem ser cumpridas a fim de que se obtenha um trabalho sociolinguístico de boa qualidade, que dê subsídios não somente para as ciências da linguagem, como para a educação escolar indígena.

Meu objetivo nesse artigo é apresentar uma versão da Variedade Étnica Português Xerente Akwê. Portanto, levando em consideração as premissas anteriormente apresentadas, percorro primeiramente o caminho trilhado para chegar a essa variedade, dos meus primeiros aos atuais estudos da língua, sob o ponto de vista histórico e linguístico.

2 Breve Histórico

Meu primeiro contato com os Xerente deu-se em 1989 quando coordenei uma pesquisa a fim de verificar a situação sociolinguística das etnias que viriam a compor o Projeto de Educação Indígena para os Povos do Tocantins (Teixeira, Braggio, Poleck 1991). A partir desse primeiro contato, dos quase dez anos em que atuei no projeto como coordenadora e professora, minha relação com os Xerente Akwẽ estreitou-se e venho dedicando minhas pesquisas e a formação de outros pesquisadores, até o presente momento, a esse povo. Minha intenção foi e continua sendo, a de obter um estudo aprofundado das várias áreas da linguística a fim de compor um quadro que dê subsídios para as ciências da linguagem nos estudos dedicados aos indígenas brasileiros e para a educação escolar indígena dos Xerente, na tentativa de levá-los a construir uma política de língua específica para a sua vitalidade.

Os estudos e resultados a seguir mostram o percurso que tive que seguir para chegar a postular características próprias e singulares da Variedade Étnica Português Xerente Akwẽ. As metodologias utilizadas nos variados estudos incluem tanto a pesquisa quantitativa quanto a qualitativa e de conteúdo em vista dos objetivos de cada um deles. Nesse artigo aponto somente os resultados que dão subsídios para o assunto ora tratado, o da Variedade Étnica Português Xerente Akwẽ.

3 Aspectos da língua xerente

Os Xerente Akwẽ vivem em duas áreas demarcadas, homologadas e registradas em cartório, na região de Tocantínia, no estado do Tocantins. Perfazem por volta de 3.500 indivíduos, com uma porcentagem de 10% deles vivendo na cidade de Tocantínia, a mais próxima às áreas. Sua língua é classificada dentro da família Jê, do tronco Macro-Jê (Rodrigues 1986). A língua Xerente pode ser classificada basicamente como aglutinante, do tipo SOV: sujeito-objeto-verbo, diferentemente do Português que é uma língua classificada basicamente como flexional e do tipo SVO: sujeito-verbo-objeto. Possui posposições e não preposições como em Português. Apresenta fonemas e padrões silábicos que nem sempre correspondem aos do Português. O gênero e a pluralização não são marcados no Nome. Há qualificadores e quantificadores para a pluralização no Nome. A pluralização é marcada no pronome pessoal e no pronome possessivo nos sintagmas nominais e verbais. Há palavras inalienáveis, ou seja, palavras que somente se apresentam com seus possuidores (termos de parentesco e partes do corpo que também marcam animais e plantas). Os verbos são não flexionados. Tempo, modo e aspecto são marcados por quantitativos ou qualificativos. Há vários classificadores para caracterizar os Nomes. Todas essas características vão ter forte influência na Variedade Étnica Português Xerente Akwẽ (Braggio 2013) e são brevemente mostradas a seguir.

3.1 Gênero

Não-marcação morfológica de gênero no Nome: como em ‘dakra’ que tanto pode ser ‘filho’ como ‘filha’ dele(a).

Observe a frase¹:

- (1) **ĩ siwaike nãto wara**
 PPOS SUB ADV V
 meu amigo agora correr
 ‘Meu amigo fugiu.’
 ‘Minha amiga fugiu.’

Fora do contexto, o sexo, e não o gênero, é marcado para animais:

- (2) a. Huku krê = onça macho
 b. Huku simpikō = onça fêmea
- (3) a. Sika krê = galo
 b. Sika krapre = galinha

É importante notar que os animais que dão crias são femininos, assim como as árvores que dão frutos. Melatti (1978) aponta este último aspecto entre os Timbira Krahó, também do tronco linguístico Macro Jê.

3.2 Pluralização

O plural não é marcado no Nome. Também não há marcação morfológica (ou flexões) para o Verbo, mas para os pronomes que o antecedem. Veja o exemplo em que a marca de futuro permanece inalterada:

- (4) Krê - plantar
- a. **wa za krê**
 eu FUT plantar
 ‘Eu vou plantar.’

¹Abreviaturas: FUT: marca de futuro; PPE: pronome pessoal; P. REF.: pronome reflexivo; PPOS: pronome possessivo; SUB: substantivo; ADV: advérbio; QUAL: qualitativo; QUANT: quantitativo; POSP: posposição; V: verbo.

- b. **ta nōri za krê**
ele + de um FUT plantar
'Eles vão plantar.'

Para os Nomes veja o seguinte exemplo e note que não há artigos na língua:

- (5) a. **hukurê waktû**
SUB QUAL
gato preto
'O gato é preto.'
- b. **hukurê nōri waktû**
SUB QUANT QUAL
gato + de um preto
'Os gatos são pretos.'

3.3 *Tempo, Modo, Aspecto*

Marcado por advérbios. Veja também o uso de posposições:

- (6) **Wa za Goiânia ku kri mōri**
PPE FUT Goiânia POSP SUB V
Eu Goiânia para casa ir
'Eu vou (irei) para a casa em Goiânia.'

3.4 *Classificadores nominais*

Há muitos; a classificação obedece a aspectos gerais e específicos do nome classificado:

- (7) a. **ktikmō**: gado, **ktikmōkra**: bezerro, **ktikmō simpikō**: vaca
b. **wdê**: árvore, **wdêhi**: casca de árvore, **wdêrê**: árvore pequena
c. **romnirñã**: flor, **romkrã**: fruta, **romkwa**: espinho

3.5 *Inalienáveis*

Não podem acontecer sem um possuidor (veja ambos os itens em Braggio (2011)):

- (8) a. da=**kra**: filho(a) dele(a)
- b. wa=**bdu**: meu pescoço
- c. sika=**kre**: ovo da galinha
- d. wdê=**hi**: casca da árvore

Os aspectos fonológicos serão tratados na seção 5 (Situação sociolinguística atual: biligüismo alto), por estarem também dentro desse item.

4 Situação sociolinguística inicial

O Português é a L2 dos Xerente. Isso ficou claro no primeiro levantamento efetuado em 1989. A metodologia utilizada foi ancorada em Fishman (1969, 1991) cuja abordagem é quantitativa. A língua adquirida como L1, salvo raras exceções, é a Xerente. O uso dessa língua naquele momento era intergeracional e intrageracional, mesmo após 250 anos de contato com o Português. Por volta de 12% da população também falavam Português. Contudo, essa língua somente era usada para falar com os não indígenas, principalmente com os funcionários da Funai (Fundação Nacional do Índio) e quando iam à cidade mais próxima. Entre eles só falavam em Xerente, mesmo que houvesse um não indígena presente. Na mudança de código (*codeswitching*) de uma língua para a outra era a regra (ainda é): Xerente fala Xerente com outro Xerente e mudam para o Português para falar com o não indígena em um mesmo evento de fala. Na época não havia energia elétrica ou meio de transporte coletivo. Os movimentos de ida para a cidade eram mais restritos aos homens e estudantes que estavam cursando o ensino médio. Havia, portanto, uma situação de biligüismo incipiente (*incipient bilingualism*). Todavia, a necessidade ou desejo dos pais de que os filhos aprendessem Português na escola era alta em relação a somente Xerente.

4.1 *Eventos e atos de fala e escrita*

Foi na sala de aula que observei outros eventos de fala, mantendo a regra anteriormente mencionada. Sempre antes de a aula começar eles tinham uma conversa que durava, pelo menos, por volta de 15 minutos sobre algum assunto que só a eles dizia respeito. Discutiam em Xerente, cada um esperando calmamente seu *turno de fala* para se manifestar. Ninguém intervinha enquanto alguém estivesse falando. Quando terminavam de falar eu era convidada a começar a aula. Nesse evento, como eu não falava Xerente, eu estava excluída. Mais tarde, em outras ocasiões fora da sala de aula, observei o mesmo padrão de comportamento linguístico, ou regra sociolinguística de alternância de turnos de fala.

Também na sala de aula, em um evento escrito, outra regra se destacou. Eu pedi que me contassem uma narrativa sobre algum fato acontecido na aldeia. Começaram uma discussão em Xerente e ao fim desta, um aluno, o mais velho deles, foi apontado para iniciar a narrativa que eu escreveria no quadro negro. Após esse aluno dar o nome da narrativa e começar a falar e eu a escrever, cada um, por sua vez, começou a participar, completando, escolhendo palavras semanticamente mais adequadas, dando opinião como uma palavra era mais bem escrita. No final, tínhamos um *texto coletivo*, elaborado por todos, em que todas as vozes eram ouvidas e respeitadas. Assinolo essa regra sociolinguística de *escrita coletiva*, uma narrativa em Xerente, em uma transposição do oral para o escrito que revelou, poucos anos depois, que para escrever para o não indígena o faziam coletivamente revelando o papel do Português escrito com uma função, um instrumento de resistência, pois se tratava de uma carta ao presidente da república pedindo que uma estrada não cortasse/passasse pela área indígena. Estava assinada por todos que colaboraram na elaboração. Os que não sabiam ler e escrever imprimiram a digital do dedo polegar direito no papel com tinta (essa carta pode ser lida em Braggio (2001)). Esse item será retomado na seção 6 (Considerações finais e educação escolar indígena.)

5 Situação sociolinguística atual: bilinguismo alto

À medida que continuei a trabalhar com a formação dos professores indígenas xerente, pude observar dois fatores que me chamaram a atenção: (i) a entrada de vários empréstimos do Português e (ii) a escrita na língua xerente não era uniforme: o uso de grafemas e sílabas distintos por diferentes professores e as palavras (complexas), ora com segmentação, ora sem. Mas o que mais me causou interesse foi a afirmação de que ‘há duas línguas xerente, a dos +velhos e a dos +jovens’. Em pesquisa de campo em 1995, um de seus participantes

da faixa +jovem fez a mesma afirmação. Meu trabalho era com empréstimos e entre eles eu pude observar não só os processos de apagamento em palavras do Português, como a influência do Português na língua xerente e vice-versa. Um exemplo que iluminou este estudo foi a palavra que me foi dita para ‘casa velha/abandonada’: ‘krivé’, em que kri = casa em Xerente e vé = velha em Português, ou seja, um exemplo de *loanblend*, uma mistura das duas línguas, falada por um jovem xerente com o processo de apagamento da última sílaba e a inserção do [v] que a língua xerente não possui. A partir daí aprofundi meu trabalho com os empréstimos e em 1998, levando em consideração as três gerações: +jovens (12-19 anos), +-jovens (20-49 anos) e +velhos (50 anos em diante), pude estabelecer pela primeira vez, o que chamei de ‘Variedade dialetal do Português em contato com uma língua indígena’, publicado em artigo do mesmo nome (Braggio 1998). O trabalho que se seguiu, ‘A instauração da escrita entre os Xerente: conflitos e resistências’ (Braggio 2001), apontou como o Português escrito tem sido usado como a ‘língua para ser escrita’. Na época não encontrei, fora da escola onde atuavam professores indígenas ensinando a ler e escrever em Xerente, qualquer uso funcional ou significativo da língua xerente escrita. Os empréstimos do Português continuavam entrando. Mas o que, afinal, distanciava a língua dos +jovens da dos +velhos? Adentrei pela fonologia já que essa área da língua é mais suscetível a sofrer influência da língua dominante, no caso, o Português (Braggio 2005). Os dados são apresentados a seguir.

5.1 Aspectos fonológicos

5.1.1 Os fonemas/grafemas

O quadro fonológico utilizado é o de Krieger & Krieger (1994), pois embora haja outros trabalhos na área de fonologia elaborados por Daniele Grannier, principalmente, por mim e outros membros do grupo, são esses fonemas que são usados como grafemas na escrita da língua.

(9) Consoantes

- a. <p, b, t, d, k, z, s, m, n, r, h, w>

(10) Vogais Orais

- a. <a, â², e, ê³, i, o, ô, u, û⁴>

²Este grafema é usado para representar a vogal central posterior média.

³Este grafema é usado para representar a vogal média fechada.

⁴Este grafema é usado para representar a vogal central alta fechada.

(11) Vogais Nasais

a. <ã, ê, ĩ, õ, û⁵>

Observação: <r>= /[r]/, <h>= /[R]/, <w>= consoante aproximante. Não encontrei em meus dados a vogal <û>. No dicionário dos Krieger [ĩ] e [u] aparecem alternados.

5.1.2 As sílabas

Nesse subitem retomo dados por mim coletados. Há, em Xerente Akwẽ, um processo de apagamento de consoantes e vogais. O apagamento tem sido uma constante na língua e torna-se cada vez mais frequente entre os +-jovens (21-49) e os + jovens (12-20). Veja alguns dados coletados por Martius (1867, em Maybury-Lewis 1965) e Maybury-Lewis (1965) em Braggio (2005):

Martius	Maybury-Lewis	glosa
kouacong	wakõ	coati/quati
couan-riao	warã	tatu
nononou-da	nrõu-da	tucano
põucouanai	ponkwané	dois
doujée	duzê	açúcar

O acento tem sido um dos responsáveis por essas mudanças. O acento é demarcativo e não distintivo, sempre recai na última sílaba deixando o *onset*, o início/esquerda da palavra, à época, basicamente CV e levando os elementos que se seguem ao acento na *coda*, final/direita da palavra, a serem apagados ou apresentarem processos de assimilação regressiva dependendo do ambiente fonológico. Há uma alteração silábica na maioria deles. Esses processos continuam e têm sido observados em nosso corpus (Braggio 2005):

(12) Apagamento de vogal à esquerda e à direita do núcleo da sílaba em palavras com mais de uma sílaba

- a. pesede'di ~ pese'di ~ pøse'di ~ 'pøse
b. pete'di ~ pøte'di

⁵Em alguns exemplos mantive a grafia dos Krieger.

- c. kubu_oin'ti ~ kɔbu_õi'ti ~ kɔbɔ_õi'ti
 d. bu'du ~ 'bɔdu ~ 'pɔdu ~ 'pɔtu

Os processos anteriormente apresentados mostram que a reestruturação silábica continua a operar na língua:

(13) Reestruturação silábica

- a. onsets silábicos preferencialmente preenchidos por qualquer consoante e por combinação de consoantes.
 b. onsets preferencialmente preenchidos por consoantes (veja-se dan-escri/da-skri) etc.
 c. vogais que iniciam palavras são 'a' e 'i', sendo o seu número bastante reduzido. Minha hipótese, a ser testada, é a de que havia uma consoante que antecedia a vogal na sílaba, provavelmente [k] e/ou [h], que foram apagadas, por estarem à esquerda da sílaba nuclear. Tais fonemas fazem parte de uma classe natural e esse é um processo que continua na língua.

Do quadro geral dos exemplos coletados à época de minha pesquisa temos os seguintes tipos de sílabas:

- (14) a. _ V [a'ke] 'semente'
 b. _ VV [ai'kte] 'criança'
 c. _ VC [am'ke] 'cobra'
 d. _ CV ['wa] 'papagaio'
 e. _ CVC [tem'di] 'cru'
 f. _ CVV [kui'hi] 'jacaré'
 g. _ CCV ['tpe] 'peixe' ~ [te'pe]
 h. _ CCVV [krãi'ti] 'formiga' ~ [krẽ'ti]
 i. _ CCVC [prum'kwa] 'aquele que reparte'
 j. _ CCCV ['tbro] 'atravessar' ~ [to'bro]

Como se pode observar, historicamente, a sílaba CV está dando lugar a sílabas mais pesadas nos onsets, com os apagamentos e/ou assimilação das vogais em sílabas átonas, e leves ou ausentes, na coda. O apagamento das vogais teve origem com as vogais homorgâmicas, mas tem-se espalhado para outros ambientes.

Esses processos fonológicos têm bastante força na língua e continuam em andamento nas gerações +-jovem e +jovem. Mas, quando os +velhos entram no cenário da pesquisa, a distância entre a fala dos +velhos e a dos +jovens mostra-se significativa quando se observam as ocorrências fonético/fonológicas entre as gerações. Portanto, uma frase dita por uma pessoa da geração +velha será diferente de uma da geração +jovem, principalmente dos jovens que saem para estudar na cidade ou nela habitam, o que confirma o sentimento de que há ‘duas línguas Xerente, a dos mais velhos e a dos mais jovens’ está se diferenciando, gerando conflitos entre as gerações. A faixa dos +-jovens é a que estabelece uma transição entre as gerações. Os exemplos a seguir mostram essas diferenças:

- (15) a. Variedade da geração +velha (também dominada pela geração +-jovem):
 #si#kubi+si+bi+ze#
 sikubisibize: coberta (colcha, lençol etc.), onde: si = p. ref., kubi = verbo cobrir-se, si = p. ref., bi = qualif., ze: nominalizador
- b. Variedade mais usada pela geração +-jovem e +jovem:
 #si#kubs+bi+ze#
 sikubisibize, sikubøsbize, sikubsbize: coberta
- (16) a. Variedade da geração +velha (também dominada pela geração +-jovem):
 #da-hi+krã+i+ti#
 dahikrãiti: joelho dela(e), onde: da = PPOS. dele(a), hi = osso, krã = cabeça, ti = QUAL.
- b. Variedade mais usada pela geração +-jovem e +jovem:
 #da-hi+krã+i+ti#
 daikrēti: joelho dela(e)
 da-øi+krē+ti, onde i = osso, krē = cabeça, ti = QUAL.

Nesses exemplos pode-se notar que a sílaba CV predomina para os +velhos e os apagamentos e assimilação inexistem na variedade dessa geração. A primeira palavra é um empréstimo do Português e a segunda uma palavra da língua, logo um processo que se aplica tanto à dinâmica da língua xerente quanto às palavras que são emprestadas do Português, com influência do Xerente no Português. Os exemplos a seguir, ao mostrar as palavras que estão entrando na língua, são diferentes entre as gerações e também tipologicamente:

(17) **daprahâ**

da pra hâ
dele pé casca

‘Chinelo.’ (Lit. ‘casca para proteção do pé dele/a’)

(18) **rābret**

chinelo

‘Chinelo.’ (Do português *lambreta*.)

O empréstimo dos mais jovens, *rābret*, vem do português regional ‘lambreta’, nome dado ao chinelo do tipo havaiano. No primeiro caso há um empréstimo por criação (veja Grosjean 1982, 1994, 2010) pela combinação (composição) de duas palavras já existentes na língua e que nela se integram.

No caso de **rābret** temos um empréstimo com uma adaptação fonológica: o [r] é usado no lugar do [l], ou seja, o falante usa uma consoante mais próxima, uma consoante líquida, já que [l] não ocorre como fonema na língua e com um apagamento da vogal final, processo típico da fala dos +-jovens e dos +jovens como em caderno: **cadern**, caneta: **canet** etc. Em fase de estudo, acredito que o acento em Xerente Akwê, na última sílaba da palavra, língua de predominância aglutinante, é bastante significativo e tem não só a ver com esse tipo de apagamento, mas com outros apagamentos na língua, como vemos adiante. Esse acento, quando da aglutinação de outros elementos como marcadores de Nomes, leva as sílabas iniciais da palavra no *onset* a ficarem pesadas, do lado esquerdo, ocorrendo o apagamento de vogais e consoantes leves na coda, lado direito, principalmente em substantivos, como veremos em outros exemplos.

Usada na frase, **rābret** se integra perfeitamente a ela, da mesma forma que **daprahâ**.

Percebe-se, portanto, que ambos os termos passam pela língua antes de ser a ela incorporados, mas de formas diferentes. Enquanto a geração +velha emprestou novos termos criando-os a partir da própria língua, os +-jovens e os +jovens adaptam esses termos à fonologia da língua, ou seja, as formas passam pelo filtro da língua, mas são mais próximas do Português. Há falantes +jovens que usam fonemas do Português quando falam em Xerente, principalmente no caso de empréstimos e incorporam outros como [f] e [v]. Embora alguns professores reclamem da mistura de línguas e do fato de os pais não quererem que seus filhos sejam alfabetizados na *língua*, grande parte deles usa as formas dos +-jovens principalmente na fala, pois essa é a variedade que os abaixo de 49 anos usam.

Na verdade, tudo indica que a variedade dos +jovens é a mais usada, mas com os +jovens crescendo em número, a tendência é a de que a sua variedade seja a mais usada no futuro (uma abordagem com a medida de frequência será um tópico bastante importante para se definir essa questão). Há vários outros exemplos de nomes/substantivos que apresentam a mesma variação (nesse item uso a forma escrita convencional):

Português Xerente	(+velhos)	(+jovens)	(+jovens)
Papel (folha para escrever)	haisuka	hesuka/papé	papé
Lápis (coisa com que a gente escreve)	ikuikreze	ikuikreze/rápi(s)	rápi(s)
Radio (ferro que fala)	tãrãmrême	had	had
Escola (lugar de ensinar)	rowahtze	rowahtze/skora	skora
Bicicleta (feito o cavalo)	sumzari	sumzari/bisicret	bisicret
Melancia	wde=krukrãize	wde=krukrêze/mrãsi	mrãsi
Laranja	wde=krãikuze	wde=krêkuze/rarã	rarã

Os processos de apagamento estão presentes, principalmente entre os +jovens, o que causa distância entre eles e os +velhos. Como se pode observar, as diferentes ocorrências são bastante distantes, ao ponto de tornar difícil uma conversa entre essas duas gerações, quando os empréstimos ou mesmo palavras da língua são utilizados. Como vimos os primeiros são ‘empréstimos por criação’, ou seja, feitos a partir da língua xerente. Os usados pelos +jovens passam pela fonologia da língua, mas estão muito mais próximos do Português, ou seja, caracterizam aspectos da Variedade Étnica do Português Xerente Akwê.

No que diz respeito aos fonemas, o que ocorre e já vimos em alguns exemplos é uma substituição do fonema que não ocorre na língua pelo fonema fonologicamente mais próximo que existe em sua língua. Assim:

- (19) a. [l] → [r]
 b. [g] → [k]~[s]
 c. [ʃ] → [s]

Na grafia o [r] é escrito com ‘r’; o [g] com ‘c’ e ‘s’ e o [ʃ] com ‘s’. Essas substituições pelo fonema mais próximo fonologicamente são outra característica da Variedade Étnica Português Xerente Akwê. Além disso, há variação entre: [p] e [b]; [t] e [d]; [o] e [ɔ] e [e] e [ɛ]. Todavia, não encontrei em meus dados do Português a permanência dessa variação.

Contudo, no exemplo apontado anteriormente com ‘casa velha’= ‘krivé’ o participante usa kri = casa em Xerente e vé = velha em Português, um (*loanblend*) com termos das duas línguas, apagando a sílaba final e usando o [v] que não existe em Xerente. Veja-se que a palavra emprestada tem os segmentos/sílabas apagados à direita a partir de onde recai o acento em ‘velha’: [‘vɜ].

Além dos nomes/substantivos comuns, pode-se observar que os empréstimos abarcam termos da língua, tais como os de parentesco e formas livres como conjunções e advérbios: *então, ainda, mas, também*.

Durante o projeto alguns professores passaram a afirmar que:

‘A primeira língua que a criança fala é a língua estranha... português... falando **mamãe e papai**’.

‘Na minha comunidade a primeira língua que usa é **mamãe... papai e vovó... vovô ou paire e mãe**’.

‘A primeira língua que a criança fala é a Akwê... mas substituindo com palavras do português’.

‘As crianças estão misturando... por exemplo... **Mamã** karo wa za kazu./Mamãe vai pilar arroz.’

Esses exemplos também foram observados por mim quando das discussões entre os professores em sala de aula e em conversas fora da sala de aula. Em uma checagem com um professor, ele afirma que ‘as crianças falam hoje muito misturado como na palavra chapéu... chapé... que em Akwê é *krê hewamtro* trocando o nome de todas coisas’.

Logo, a partir desses exemplos pode-se constatar que há duas formas para um mesmo termo em estado de variação quando falam Xerente. A primeira variante usada pelos +velhos e +-jovens, *krâi hêwamtro/krê hêwamtro* e para a geração +-jovem e +jovem, cotidianamente, informalmente, *chapé/sapé*. É importante notar que o som [ʃ] não faz parte da matriz fonológica da língua Xerente (Krieger & Krieger 1994), mas os +jovens, os que têm mais contato com o Português na cidade, já usam esse som e outros quando falam Português e em Xerente quando usam empréstimos. As crianças pequenas e as mulheres mais velhas, e com menos contato com o Português, fazem a aproximação do

[ʃ] ao [s] (e dos outros fonemas anteriormente apresentados), o que pode ser visto na escrita das crianças adquirindo Português escrito. Materiais escritos das crianças coletados de 1998 a 2000, em Português, têm sido preciosos na análise da língua, pois a L1 da criança está sempre presente na aquisição da L2 (Braggio 2013). Sendo assim, os empréstimos lexicalizados na língua Xerente podem apresentar uma forma filtrada pela língua e outra que está introduzindo fonemas do Português nela inexistentes, como /f/, /v/, /ʃ/ etc. No dicionário dos Krieger a palavra chapéu aparece grafada como *krãĩ hêwamtro*, a forma dos mais velhos. Veja que o professor usa o [ʃ] e a forma intermediária em *krãĩ* → *krẽ*. Constatou-se, então, que o léxico entre as gerações é diferente (Braggio 2008). Há inúmeros itens lexicais da esfera do cotidiano que os mais velhos desconhecem, ou falam de outra forma, e há também aqueles da esfera privada que os mais jovens não dominam o que, de meu ponto de vista, é uma das causas do ‘não entendimento’ entre eles. As causas dessas diferenças são mostradas em Braggio (2011): educação escolar, dispersão na área (de 7 para 64 aldeias) e migração, ou seja, maior contato com a cidade, seja morando (10% da população vive fora da área), para vender seus artefatos ou mesmo à procura de empregos, o que leva vários jovens do sexo masculino a se reunirem cotidianamente na pracinha da cidade mais próxima, Tocantínia.

Portanto, os Xerente estão no momento no que podemos chamar de ‘bilinguismo alto’ *‘high bilingualism’* (Braggio 2012). Obviamente, a mudança foi gradual dado o espaço de tempo entre 1989 e o presente momento. Nesse ínterim, a estrada foi construída, instalou-se uma usina hidrelétrica na área, a dispersão na área foi intensa, o contato com a cidade foi intensificado e, portanto, com maior contato com a língua portuguesa. Esse cenário possibilita a ocorrência da Variedade Étnica Português Xerente Akwẽ, com características próprias e singulares. A seguir elaboro minhas considerações finais, levando em conta todos os aspectos por mim apontados na língua xerente e as características da variedade regional do Português incorporadas à Variedade Étnica Português Xerente Akwẽ. Os efeitos na educação escolar indígena são tratados a cada tópico.

6 Considerações finais e a educação escolar indígena

A trajetória para alcançar meus objetivos nesse artigo deixa clara a minha intenção de mostrar que a Variedade Étnica Português Xerente Akwẽ é constituída não só pelo Português como também pela língua xerente. Esse fato torna essa variedade específica do povo que a fala, já que o Xerente é a sua L1 e o Português a sua L2, deixando nele suas marcas, indícios, influências que não podem ser ignoradas, principalmente na educação escolar indígena. A

educação formal das crianças e jovens indígenas tem sido um sério ponto de reflexão para estudiosos da área, pois têm ainda um longo caminho a percorrer a fim de que todos os gargalos sejam criteriosamente tratados. Nesse artigo, trato apenas do tema variedade, embora ele não seja o único no cenário da educação escolar indígena que necessita de atenção. A seguir trato de cada um dos tópicos por mim apresentados tendo em mente que vários aspectos da escrita em Português não podem ser tratados simplesmente como erros, mas como um processo que deve ser visto e compreendido.

6.1 *Em resumo*

a. Tipo de língua. Como vimos, tipologicamente a língua Xerente Akwẽ é basicamente aglutinante e SVO o que a difere do Português. Esse aspecto tem importância na escrita do Português no que diz respeito à segmentação das palavras e das palavras nas frases e nos textos. A escrita da L1 não é uniformemente usada nem mesmo pelos professores indígenas, pelo fato de ainda não ter sido usada o suficiente para que se entenda como deve ser grafada, se com ‘palavras’ juntas ou separadas, já que nesse tipo de língua há um núcleo ao qual podem ser agregados inúmeros morfemas. Logo, como seria de se esperar, ora as palavras apresentam uma segmentação, ora outra. Esse fato tem influência no Português escrito, o que pode ser visto em Braggio (2013). Portanto, trata-se com duas línguas diferentes, o que deve ser visto como um processo que ainda percorrerá um longo caminho, haja vista o caráter recente de sua real instauração. O processo de segmentação diferenciada também ocorre com crianças não indígenas na aquisição da língua escrita. Todavia, para a criança xerente, que aprende primeiramente a L1, mas não totalmente, quando começa a ler e a escrever na L2, a tarefa é mais complexa. Afinal, o que é uma ‘palavra’ quando ela é escrita?

b. Gênero. O gênero não é marcado na L1 e o gênero marcado na L2 é outro ponto de atrito. Mesmo pessoas que têm muito contato com a L2 usam o gênero ora da forma esperada, ora não. Esse aspecto pode ser mais complexo no início da aquisição da L2 escrita, e o é, já que a língua mais usada entre os Xerente é a própria língua. Esse aspecto não tem correspondente no Português regional.

c. Pluralização. O plural é não marcado no Nome na L1 diferentemente do Português em que é marcado. Obviamente esta é outra área de atrito. Há que se observar que para os números na L1 o cinco (5) é o número mais alto. A partir daí usa-se ‘muitos’: ‘warõr wawẽ’ (wawẽ tanto pode ser quantitativo quanto qualitativo). Neste ponto entra também a variedade do português regional na qual geralmente a primeira palavra de uma frase ou sintagma

é marcada e as demais palavras são não marcadas. Como não há artigos em Xerente a pluralização se dá nos pronomes pessoais e possessivos e por quantitativos. Os adultos usam a variedade regional. Portanto, chegar à escrita dita padrão é um caminho nada fácil. Da minha experiência, ensinar apenas a gramática do Português não faz o menor sentido. A criança precisa de: falar, ler e escrever, a fim de ir construindo a gramática dessa língua, da mesma forma como fez com a sua. Todavia, a maioria não tem tempo para adquirir a sua língua na forma escrita, antes de ser introduzida ao Português. Tarefa esta complexa para o cérebro bilíngue que precisa de tempo para operar a L1 e a L2 ao mesmo tempo. Infelizmente, esse tempo é negado pelas metodologias em uso.

d. Tempo, modo, aspecto. O verbo não é flexionado em Xerente Akwẽ. Tempo, modo e aspecto são marcados por advérbios. Logo, quem adquire o Português como L2 defronta-se com uma língua bastante diferente da sua. A fala e a escrita dos adultos dificilmente apresentam as flexões esperadas no Português. O recurso mais usado é o uso de advérbios que contenham o significado esperado. Para a criança ocorre o mesmo. Portanto, o uso das flexões no processo de aquisição da L2 escrita seguirá o mesmo padrão. Na variedade regional coloquial muitas vezes a flexão de plural é apagada em um verbo que ocorra em uma frase, pois a flexão é feita no pronome pessoal, como em ‘Nós canta’ etc. Logo, fazer a criança decorar formas verbais é uma tarefa árdua e inútil. E, mais uma vez, ler e escrever com temas significativos é a forma ótima de levar a criança a adquirir a L2.

e. Classificadores nominais e inalienáveis. Esse é um tópico de grande complexidade. Os Xerente Akwẽ apresentam em sua língua uma forma totalmente diferente da classificação que se faz em Português. Há classificadores para plantas, animais e coisas que se encaixam em outras classificações. Quando as crianças chegam à escola, já possuem uma categorização e classificação de tudo que há em seu mundo. Como vimos uma ‘palavra’ só pode ser escrita com seu classificador. Na escola, ao aprender a L2, a criança Akwẽ se vê às voltas com novas formas de classificação: a ocidental, sacramentada nas gramáticas e livros didáticos. Para tornar mais complexo esse cenário, como os Xerente Akwẽ apresentam em sua língua os inalienáveis e os alienáveis, coisas que necessitam necessariamente de um possuidor, coisas que podem ser possuídas e coisas que não podem ser possuídas, como elementos da natureza: sol, lua, estrelas, rios etc., as crianças enfrentam uma tarefa árdua. Elas não podem possuir, por exemplo, o que pertence a um animal ou planta, nem podem possuir algo que foi gerado, nascido de uma planta ou animal. Consequentemente, os pronomes possessivos do Português devem ser ensinados com muito cuidado na escola.

f. Os eventos de fala. Como a sociedade Xerente opera mais efetivamente no coletivo, acredito que os eventos de escrita devem priorizar grupos de crianças (abordagem colaborativa), mas levando-se em consideração as diferenças de cada criança. Cada criança tem seu tempo de aquisição de algo novo. Uma dada criança pode ter tido mais contato com o Português do que outra. Esse fato precisa ser levado em consideração. O ideal para quem adquire uma L2 ainda criança é passar da língua oral para a escrita. A escola deve ter em seu programa vários eventos de fala típicos para crianças, jogos, brincadeiras, músicas, a fim de que elas possam ir construindo seu repertório lexical e gramatical por meio do uso mais coloquial da 'língua estranha', como afirmou um professor indígena. Os eventos de fala e escrita são cruciais para se trabalhar com a educação escolar das crianças xerente. Se o professor for Xerente, as regras sociolinguísticas, anteriormente apontadas, serão respeitadas, já que elas estão inseridas na cultura. Caso contrário, se o professor for não indígena, principalmente na cidade, as crianças xerente correrão o risco de serem apontadas (como tem acontecido em outros países onde há crianças indígenas nas escolas) como pouco participantes, já que respondem quando são perguntadas. Elas não iniciam um turno de fala. Elas também poderão ser acusadas de não saber falar Português, já que misturam as línguas. E, mais importante, como agem coletivamente, o trabalho individual é o menos produtor, o ideal é utilizar uma abordagem de ensino colaborativa juntamente com a individual, pois os resultados da aprendizagem serão otimizados.

g. Os fonemas e grafemas. A área da língua mais suscetível à entrada da L1 é a fonológica ao trazer consigo fonemas da L1 em palavras emprestadas que vão se tornando cada vez mais aportuguesadas em vista de fatores extralinguísticos, a saber: a educação escolar, a dispersão na área e a migração para a cidade. Essas formas inovadoras são introduzidas pelos falantes mais jovens, escolarizados e com mais contato com o Português, além de dominá-lo com mais desenvoltura. Embora na área a língua de uso seja o Xerente, o Português vai abrindo espaço, principalmente com o sentimento de que essa é a língua para ser escrita a fim de se adquirir novos conhecimentos e dar acesso a mais qualidade de vida, usando-a como instrumento. Se isso está acontecendo é preciso que os professores entendam, principalmente os não indígenas, que a criança ao adquirir Português como L2 na escola, está lidando com línguas com diferentes grafias com um léxico ainda bastante reduzido e, portanto, levando para a sua escrita, aspectos de sua própria língua. Tal fator deve ser cuidadosamente tratado a fim de que não se considere como erro o que é perfeitamente natural no processo de se tornar bilíngue, pois, do contrário, a repetência e a evasão passam a ser a situação mais indesejada e mais para triste a criança. Professores não indígenas muitas vezes podem ser

cruéis na correção de ‘erros’ gráficos (Braggio 1986) e desestimular a criança a prosseguir com seus estudos.

Em suma, apresentei nesse artigo aspectos da Variedade Étnica Português Xerente Akwẽ. Há alguns ainda a serem verticalizados, por exemplo, classes de palavras, os inalienáveis/alienáveis, mas acredito que possa ter contribuído para a sociolinguística, que deve considerar em suas pesquisas as variedades étnicas. Esses estudos são de significativa importância para a educação escolar indígena que trata com crianças que precisam adquirir o Português como segunda língua. Também acredito que pesquisas em história, geografia, ciências, matemática, antropologia etc. devem ser adensadas, a fim de se ter um quadro mais abrangente de como uma dada sociedade indígena lida com o mundo no qual está inserida. Esses estudos serão valiosos para compreendê-las e otimizar a educação escolar indígena.

Referências

Braggio, Silvia L. B. 2013. A aquisição do português escrito pela criança xerente akwẽn: aspectos cognitivos, sociolinguísticos e educacionais. *Anais Internacionais do IV SIMELP*, 1764-1777. Goiânia: UFG.

Braggio, Silvia L. B. 2012. Os diferentes tipos de situação sociolinguística e os tipos de empréstimo na adição do português ao xerente akwẽn: fatores positivos e negativos. *LIAMES* 12: 157-177.

Braggio, Silvia L. B. 2011. Os xerente, os animais e as plantas: uma revisita aos inalienáveis pela semântica da gramática. *Revista Signótica* 23: 439-458.

Braggio, Silvia L. B. 2010. Reflexões sobre os empréstimos do tipo loanblend e direto na língua xerente akwẽn. *Revista de Estudos da Linguagem* 18(1): 87-100.

Braggio, Silvia L. B. 2008. Reflexões sobre o léxico na língua xerente akwẽn: o papel dos empréstimos e sua interrelação com a dispersão areal, migração e escolarização. *UniverSOS* 5: 193-215.

Braggio, Silvia L. B. 2005. Revisitando a fonética/fonologia da língua xerente akwẽ: uma visão comparativa dos dados de Martius (1866) a Maybury-Lewis (1965) com os de Braggio (2004). *Signótica* 17(2): 251-274.

Braggio, Silvia L. B. 2001. La instauración de la escritura entre los Xerente: conflictos y resistencias. In: Calvo Pérez, Julio (Ed.). *Contacto Interlingüístico e Intercultural en el Mundo Hispano*, 65-81. València: Universitat de València.

Braggio, Silvia L. B.(Ed). 2000. *Can threatened languages be saved?* Clevedon: Multilingual Matters.

Braggio, Silvia L. B. 1998. Variedade dialetal do português em contato com uma língua indígena. *Estudios de Lenguas y Culturas Amerindias II-Lenguas, Literaturas, Médios*, 124-145. Valência: Universitat de València.

Braggio, Silvia L. B. 1997. Aquisição e uso de duas línguas: variedades, mudança de código e empréstimo. *Revista da Abralin* 20(1): 139-172.

Braggio, Silvia L. B. 1996. The sociolinguistics of literacy: a case study of the Kaingang, a Brazilian Indian tribe. Tese de doutorado. University of New Mexico.

Braggio, Silvia L. B. 1994. *The Encyclopedia of Language and Linguistics*, 1656-1660. Oxford/London: Pergamon Press.

Braggio, Silvia L. B. 1991. *Reversing language shift*. Clevedon: Multilingual Matters.

Fishman, Joshua. The sociology of language. 1969. In: Giglioli, Pier P. (Org.). *Language and social context*, 45-58. London: Penguin Books.

Giglioli, Pier P. (Org). 1972. *Language and social context*. London: Penguin Books.

Grosjean, François. 1982. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Cambridge: Harvard University Press.

Krieger, Gunther; Krieger, Wanda. 1994. *Dicionário Escolar Xerente-Português, Português-Xerente*. Rio de Janeiro: Junta das Missões Nacionais.

Maybury-Lewis, D. 1965. On Martius' distinctions between Shavante and Sherente. *Revista do Museu Paulista* v. xvi, nova série: 16-43.

Melatti, Julio C. 1978. *Ritos de uma Tribo Timbira*. São Paulo: Ed. Ática.

Rodrigues, Aryon D. 1986. *Línguas Brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.

Teixeira, Raquel; Braggio, Silvia e Poleck, Lydia. *Projeto de educação para os professores indígenas do Estado do Tocantins*. Tocantins: SEEDUC, 1991.

Recebido: 06/11/2014

Aprovado: 26/02/2015
